

‘SIMBIOSE’: UMA ANÁLISE ACERCA DA RELAÇÃO DOCENTE- ESCOLA, COM FOCO NA SAÚDE MENTAL, EM UMA ESCOLA DO CAMPO

Maria Beatriz Gonçalves Leite¹
Marília Albuquerque de Sousa²
Gabriela Fraga de Paula³
Leonardo Ferreira de Melo Farah Montenegro⁴
Priscila Barros de Freitas⁵
Emanuel Meireles Vieira⁶

RESUMO

O presente trabalho traz um debate acerca da influência das fronteiras entre público-privado/ escola- casa dinâmicas relacionais de professores(as) de uma Escola do Campo, em um assentamento do Movimento Sem Terra (MST), assim como seus efeitos sobre a experiência da docência e a saúde mental destes professores. Temos como objetivo problematizar a tentativa de coordenar os relacionamentos com o trabalho, com a vida pessoal e com a própria comunidade escolar, assim como o excesso de atribuições conferidos a eles. Além disso, refletimos acerca de como o envolvimento da escola e dos profissionais com o MST, sobretudo a forma como a coletividade influencia no fluxo institucional da Escola do Campo. O tema do trabalho surgiu a partir da experiência de uma oficina com professores desenvolvida em conjunto por profissionais, professores e graduandos de psicologia em uma Escola do Campo localizada no município de Canindé, interior do Ceará. Para embasar as reflexões, foi utilizado a Psicologia Escolar Crítica como referencial teórico- metodológico. Entre os principais resultados observados, destaca-se a exaustão oriunda da sobrecarga de trabalho imposta aos professores(as), a qual influencia na prática da docência e na saúde mental destes, a falta de preparo para lidar com as questões pessoais dos educandos direcionadas a eles(as) e a dificuldade em estabelecer limites entre os problemas de casa e da escola. Além disso, destacamos a ênfase na coletividade própria do Movimento Trabalhadores Sem Terra a qual, divergindo do modo de subjetivação neoliberal que individualiza, segrega e gera competitividade, apresenta uma nova forma de pensar a dimensão coletiva do sofrimento e da prática da docência.

Palavras-chave: ESCOLA DO CAMPO, SOBRECARGA, PROFESSOR, SAÚDE MENTAL, DOCENTE

¹ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará - UFC, mariabeatrizgleite@gmail.com

² Mestranda do Programa de Pós- Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará - UFC, mariliaadesousa@hotmail.com ;

³ Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará - UFC, gabrielafraga@alu.ufc.br

⁴Graduando pelo Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará - UFC, leomelofarah@gmail.com ;

⁵ Doutoranda do Programa de Pós- Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará - UFC, priscilabfeduacao@gmail.com ;

⁶ Professor orientador: Professor Associado, Departamento de Psicologia e Programa de Pós - Graduação em Psicologia- UFC, emanuelmeireles@ufc.br .

INTRODUÇÃO

A instituição escolar apresenta-se como um local chave no processo de subjetivação, ambiente principal em que os indivíduos passam a socializar e a trocar experiências com pessoas fora de seu contexto familiar, assim como são repassadas as normas culturais de cada comunidade através da educação. Dessa forma, a escola, para além desse local de diversidade e de produção, também é marcada pelo contexto social no qual está inserida, repassando regras e formas de ser estar (PRATA, 2005).

Na sociedade atual, é evidente a imposição hegemônica dos valores neoliberais, os quais valorizam, sobretudo, a individualização e a competitividade entre os sujeitos em detrimento do coletivo, objetivando a exploração e o isolamento do indivíduo enquanto como única forma de alcançar uma melhor qualidade de vida. Nas escolas, esse contexto se propaga à medida que ocorrem alterações no currículo base para privilegiar uma educação voltada à padronização dos alunos, assim como a impessoalização e o adoecimento do professor (LAVAL, 2019).

Quando refletimos acerca da relação construída entre docente e escola dentro desse contexto neoliberal, observa-se a fragilização dos limites entre educador e pessoa pelos docentes. Observa-se, portanto, o extrapolamento dessa fronteira simbólica, com os problemas da escola afetando na vida pessoal do docente e, conseqüentemente, prejudicando na saúde mental.

Assim, quando se trata de uma relação simbiótica entre professor e escolar, refere-se, segundo termos da biologia, a um vínculo em que há trocas e benefícios mútuos. Porém, quando se aborda a vinculação da escola neoliberal com o docente, observa-se a transformação dessa relação para uma caracterizada como parasitária em que há a imposição excessiva de demandas sobre os educadores, com conseqüente adoecimento físico e mental (DE CAMPOS, 2021).

Apesar disso, há a resistência de diversos movimentos sociais que buscam, em meio à sua luta, um processo educacional que, além de repassar o currículo básico, objetiva a construção de uma escola associada aos conhecimentos e valores necessários a comunidade na qual estão alocadas, assim como o pensamento crítico frente às opressões do neoliberalismo como a promoção de um fazer e de um cuidado coletivos.

É o caso das Escolas dos Campos, principalmente as associadas ao Movimento Sem Terra (MST), as quais, além de todos os fatores mencionados anteriormente, também concebem a educação como um processo coletivo e essencial à luta por direitos (CALDART, 2003).

Dessa forma, o presente trabalho, a partir de um relato de experiência, objetiva refletir acerca da relação docência-escola e os principais impactos à saúde mental desses profissionais, assim como pensar em novas possibilidades de cuidado e de luta por melhores condições de trabalho a partir das potencialidades da atividade em coletivo construído nas Escolas do Campo. Assim, as reflexões foram feitas com base em uma oficina feita com professores de uma instituição escolar vinculada ao MST no município de Canindé-CE.

METODOLOGIA

O presente trabalho consiste em um relato de experiência a partir da visita e da realização de oficina com professores de uma escola pública estadual do campo associada ao MST. Tal visita ocorreu mediante convite realizado pela gestão escolar, atendido por 3 professores do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e 15 estudantes da graduação e da pós-graduação a fim de realizar uma atividade com os docentes da escola com ênfase em sua saúde mental e nos limites entre a vida escolar e a vida pessoal.

Dessa forma, participaram 34 docentes desse momento, sendo divididos em 2 grupos para melhor ouvi-los, em que se trabalharam questões acerca da saúde mental vinculada à escola. Primeiramente, realizou-se uma dinâmica que consistia nos docentes soprarem um balão a cada vez que lembrassem de uma situação na qual passaram dentro da instituição escolar e a levaram para suas casas.

Após isso, iniciou-se uma roda de conversa em que cada professor abordou suas principais dificuldades em lidar com as demandas dos alunos e com as responsabilidades incubidas a eles na escola, assim como os atravessamentos em sua saúde física e emocional. Também, diversos docentes, em um movimento iniciado pelos próprios, apresentaram os benefícios e as formas de enfrentamento a esses adoecimentos promovidos pela atuação associada às comunidades e ao coletivo MST.

Dessa forma, a partir da experiência descrita acima e das propostas da psicologia escolar crítica, analisaram-se as falas dos professores com base no papel da escola no

processo de subjetivação em meio ao contexto neoliberal, assim como função da instituição escolar, em conjunto com os movimentos sociais, de enfrentamento à norma hegemônica e ao adoecimento promovido por ela.

REFERENCIAL TEÓRICO

O mundo encontra-se em um contexto neoliberal e globalizado, em que objetiva-se a massificação e a generalização hegemônica de uma única forma de comportamento e de interação entre os indivíduos marcada pela competição e pelo individualismo. Ademais, ao incitar a competição, o sistema neoliberal, sobretudo as minorias dominantes, incita as pessoas a produzirem cada vez mais como forma de ultrapassar o outro, explorando e sobrecarregando os sujeitos enquanto pregam essa forma de vida, a qual foca no acúmulo de bens e no individualismo, como a única correta capaz de mudar a qualidade de vida.

De acordo com Laval (2019), as instituições escolares, por estarem dentro desse contexto exploratório, transmitem características desse estilo hegemônico de viver. Isso dá tanto em relação aos estudantes quanto aos profissionais, de tal maneira há uma norma que exige o acúmulo de notas excepcionais e o ranqueamento entre os indivíduos, propagando a ideia de competição entre os sujeitos e que cada um é um concorrente.

Além disso, Laval (2019) afirma que a sociedade neoliberal, ao afirmar um estado de mudança e de eterna crise, exige uma reforma no contexto educacional, a qual não atenderia as necessidades da maioria oprimida, mas sim as necessidades da minoria opressora e da sua cultura hegemônica. Assim, essa classe dominante e violenta designa um modelo educacional focado na privatização, considerando a educação como um bem privado e de alto valor econômico, e, além de diminuir o acesso da população em geral à educação, também garante a monopolização do sistema educacional pela ideologia hegemônica.

Essa privatização é um fenômeno que afeta tanto o sentido do saber, as instituições transmissoras dos valores e dos conhecimentos quanto as próprias relações sociais. A afirmação da autonomia plena e inteira de indivíduos sem amarras, exceto aquelas que eles próprios querem reconhecer, correspondem instituições que não parecem mais ter outra razão de ser que o serviço dos interesses particulares (LAVAL, 2019, pp. 10 e 11).

Dessa forma, com o domínio crescente da ideologia neoliberal sobre o sistema educacional, observa-se uma educação que carece de criticidade e de preparação, assim como autonomia por parte dos professores, contribuindo para a disseminação do problema que o neoliberalismo supostamente resolveria (LAVAL, 2019).

Ademais, outro conceito importante de analisar quando pensa-se em escola e o neoliberalismo é o processo de subjetivação dos indivíduos, a criação da identidade, a qual está em constante movimento e transformação, sendo construída com base nos valores e normas presentes de cada época e de cada comunidade a qual o sujeito habita. Dessa forma, por a sociedade estar em constante mudança, tal qual estão suas regras, mudando não só as formas de subjetivação, mas também os modos de opressão (PRATA, 2005).

Assim, de acordo com Prata (2006), a instituição escolar caracteriza-se como um campo essencial na construção da subjetividade dos indivíduos, visto que é nesse ambiente que ocorrem diversas trocas de diferentes culturas e entre diversas gerações, além de proporcionar a aprendizagem e a experimentação de diferentes assuntos. Para além disso, a escola também encontra-se marcada pelo contexto cultural e econômico do ambiente no qual está localizada e das pessoas que a habitam, sendo influenciada pelas configurações da sociedade na qual faz parte e pelas normas de poder.

Contundentemente, assim como dito por Foucault (2008), os espaços escolares, inseridos no contexto neoliberal, adquirem dentro do mercado capital a função de preparar os indivíduos, tanto estudantes quanto profissionais, a agir e pensar de forma a adequá-lo à ocupação laboral, docilizando-os e disciplinando-os a compactuar com a lógica competitiva e individualizante, repassando falsas noções de meritocracia.

Em vista disso, ao se tratar do termo “simbiose” como uma relação entre 2 indivíduos em que há trocas e benefícios mútuos (Moreira, 2014), cabe analisar a relação construída entre docentes e escolas dentro desse contexto neoliberal, assim como suas afetações do processo de subjetivação dos professores.

Assim como abordado por De Campos e Viegas (2021), na questão e nas responsabilidades no trabalho do educador, observa-se a intensificação de demandas físicas, cognitivas e emocionais dos professores. Dessa forma, além da extensa carga de trabalho, este profissional também é cobrado pela gestão e pela lógica liberal da constante necessidade de inovação e preparação de diversas atividades.

Entre responsabilidades dos professores, além da construção de novas atividades pedagógicas, há a incubência da realização de reuniões com responsáveis, participações

de sábados letivos, preparação de “aulões”, planejamento de atividades extracurriculares e apoio emocional para os estudante. Dessa forma, atividades que, de fato, fazem a diferença para a educação dos jovens, quando imposta a responsabilidade em cima apenas dos docentes, os quais não são suficientes para dar conta de todos esses afazeres de forma confortável, ocorre sobrecarga e adoecimento desses trabalhadores.

Também, observa-se um sistema de ranqueamento entre escolas, funcionários e estudantes, incentivando nessa sobrecarga e em uma inovação constante, esta que passa a ser realizada como forma de melhorar o desempenho nesse sistema de rankings em vez de ser realizada com o intuito de melhorar o processo pedagógico.

No âmbito das reformas do Estado, ganha força o caráter mercadológico da administração pública, inspirado em novos modelos de gestão, Intensificam-se as formas de controle da educação em geral, e do trabalho dos professores em particular, especialmente por meio de mecanismos de avaliação implementados em âmbito nacional, estadual e municipal, os quais, ao mesmo tempo que indicam os caminhos a serem seguidos pelas instituições de ensino, ranqueia escolas, professores e estudantes, estimulando um ambiente de competitividade entre instituições e indivíduos (DE CAMPOS; VIEGAS, 2021, p. 421).

Assim, com essa extensa jornada de trabalho e quantidade insuficiente de equipe para a quantidade de afazeres, tendo que realizar trabalho para além do que foi originalmente prescrito, observa-se o aumento de problemas relacionados à saúde física e mental dos professores, como desmotivação, estresse, ansiedade, entre outros, além de possuírem a sensação de estarem constantemente ligados ao trabalho até quando deixam o ambiente escolar (DE CAMPO; VIEGAS, 2021).

Dessa forma, o labor docente deixa de ser uma troca mútua e benéfica entre escola e professor, à medida que passa a ser adoecedor para este, e converte-se uma relação parasitária em que o trabalho, em vez de algo benéfico dotado de sentido, torna-se um peso para a vida do trabalhador.

Porém, não se pode analisar essa situação somente de um âmbito pessimista, observando apenas os desafios, mas, também, se a escola possui um papel disciplinador, ela também adquire funções transformadoras à medida que impasses apresentam-se e questionamento surjam, seja por parte dos professores ou até pelos próprios alunos, os quais passam a apresentar-se como protagonistas também do processo educacional.

Nessa medida, podemos dizer que, se por um lado a escola reproduz os valores hegemônicos da sociedade, por outro, pelos impasses enfrentados em sala de aula, ela também participa da transformação desses valores, pois é um

lugar fundamental na produção de sujeitos, sejam professores ou alunos (PRATA, 2005, p. 114).

Ao refletir acerca das potencialidades da escola integrada junto com a comunidade, pensa-se não somente na formação cidadã e coletiva do aluno, mas também em um processo de aprendizagem por parte do docente da mesma forma. Assim, retira-se do professor o papel de responsável único pela a educação, tornando a pensar o discente como tanto como um dos autores da educação quanto como um sujeito da aprendizagem. Segundo Araújo (2006), “nesse processo, estudantes e docentes desempenham um papel ativo. São sujeitos da aprendizagem, interpretam e conferem sentido aos conteúdos com que convivem na escola a partir de valores construídos, de seus sentimentos e emoções” (p.3).

Dessa forma, evidencia-se a necessidade da maior articulação entre instituição escolar e sociedade para, não só ensinar aspectos importantes da vida em comunidade para os alunos, como também pensar no processo de educação, a qual está em constante evolução, como sendo responsabilidade de todos, do docente, do discente e da comunidade (ARAÚJO, 2006).

Além disso, entende-se que a participação social em conjunto com um coletivo/comunidade traz diversos benefícios para o cuidado à saúde mental, como fortalecimentos de redes de apoio, espaço para expressão e protagonismo na construção de formas de enfrentamento aos desafios do cotidiano (COSTA; PAULON, 2012).

Por fim, ao tratar a fragilização da fronteira casa-escola construída pelos professores, assim como a sobrecarga e o adoecimento docente causado pela mesma, a partir da perspectiva da Psicologia Escolar Crítica, pensa-se em intervenção institucional que busca abarcar todos os autores envolvidos no processo da aprendizagem e construir um processo educacional com qualidade e integrado a comunidade, em que há o cuidado, também, com a saúde mental de todos os envolvidos (PERETTA et al., 2014).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da oficina realizada com o grupo dos professores, houve uma série de relatos acerca das principais causas e efeitos que levariam a fragilização dos limites casa-escola pelos professores, ocasionando a afetação dos outros aspectos da vida dos

docentes pelas adversidades não devidamente resolvidas vivenciadas dentro do ambiente escolar.

Entre os principais fatores causadores dessa intrusão e sobreposição das questões relacionadas ao trabalho docente sobre os assuntos pessoais dos professores, observa-se a sobrecarga de tarefas e a grande quantidade de turmas que os docentes devem encarregar-se, as quais incluem funções como planejamento, reunião, ministrar aulas, preparar atividades extracurriculares, entre outras exigências, além da falta do pessoal necessário para a resolução das questões que aparecem de forma a ser confortável para todos.

Além disso, os docentes relataram a dificuldade e a falta de preparação para trabalharem sobre as queixas socioemocionais trazidas pelos alunos, visto que, em sua maioria, são problemas para além da capacidade de resolução do professor, este que encontra-se em um estado de impotência frente a um problema do aluno, sem conseguir entregar uma solução imediata ou encaminhar a um serviço que ajude o estudante. Segundo uma das professoras presentes, muitas vezes, o trabalho do educador vai para além de educar, ele acaba exercendo funções, também, de psicólogo, de mãe/pai, de assistente social, entre outras, funções as quais não possuem qualquer preparação para exercer.

Assim, ao chegarem em seu lar, local que deveria ser de descanso e de passar tempo com a família primordialmente, deparam-se com uma carga emocional dos problemas enfrentados durante o dia e com um conjunto de atividades/provas para corrigirem ou pensarem, visto que o tempo de planejamento dentro da escola é insuficiente para a realização de todas as atividades incubidas a eles.

Dessa forma, os docentes relataram desânimo para a realização de outras atividades de interesse e estresse frente a quantidade de atividades, tanto as escolares quanto as pessoais, que devem realizar. Em sua fala, uma das professoras disse que não sentia mais vontade de fazer coisas que gostava, como sair com amigos e familiares, já que fica em um estado de esgotamento físico e psicológico no final de semana devido às demandas da escola e as atividades, desejando apenas descansar.

Essa desmotivação e falta de energia para socializar causada pelo esgotamento do trabalho finda por causar maior isolamento e gerar problemas emocionais, como ansiedade e depressão, e físicos. Durante a oficina, dois docentes relataram problemas de saúde que possuíam influência da sobrecarga do trabalho para sua ocorrência, sendo um infarto sofrido por um professor e outro um estado depressivo.

Assim, observa-se que, dentro desse contexto neoliberal em que a instituição escolar está inserida, a constante cobrança por inovações pelos docentes, não como uma forma de incentivar o pensamento inventivos destes, mas para atingir uma quantidade de metas impostas sobre as escolas, a sobrecarga sobre um grupo insuficiente de trabalhadores e o processo de ranqueamentos, além de dificultar a formação de uma educação de qualidade e crítica, mostra-se como um dos causadores de adoecimento sobre a comunidade docente. Dessa forma, ocorrem diversos impactos na docência e na vida pessoal desses professores, estes que precisam sacrificar momentos de lazer para conseguirem desempenhar todas suas funções.

Apesar disso, encontram-se no trabalho coletivo e em comunidade formas de cuidar e enfrentar os adoecimentos promovidos pela exploração neoliberal. Diversos professores relataram a importância das trocas em coletivo como forma de expressão e de fortalecimento dos vínculos, além de, pela escola do campo ser vinculada ao MST, também sentem-se protagonistas das lutas pela garantia de direitos e membros de um processo de educação que é de responsabilidade social.

Trata-se é de alterar a postura dos educadores e o jeito de ser da escola como um todo; trata-se de cultivar uma disposição e uma sensibilidade pedagógica de entrar em movimento, abrir-se ao movimento social e ao movimento da história, porque é isto que permite a uma escola acolher sujeitos como os Sem Terra, crianças como as Sem Terrinha. E ao acolhê-los, eles aos poucos a vão transformando e ela a eles. Um mexe com o outro, num movimento pedagógico que mistura identidades, sonhos, pedagogias... E isto só pode fazer muito bem a todos, inclusive aos educadores e às educadoras que assumem esta postura (CALDART, 2003, p. 63).

Dessa forma, ao envolver a comunidade e suas lutas dentro da escola, observa-se uma potencialização da educação e um processo de aprendizagem em que todos são protagonistas, professores, alunos e sociedade. Assim, ao combater a lógica individualista do capitalismo, observa-se as possibilidades da educação, como um processo em movimento e social abordado pelas escolas do campo e pelo MST, no enfrentamento à precarização dos direitos humanos, valorizando a voz dos docentes, validando seus problemas e construindo em conjunto formas de enfrentamento e luta.

Além disso, observou-se, durante a visita, o movimento educacional como algo coletivo, sendo responsabilidade de todos o processo pedagógico, professores, jovens e comunidade, em que todos possuem vivências válidas e importantes para ensinarem, sem haver uma hierarquização de saberes. Assim, o docente é um responsável, mas não

o único, incentivando o compartilhamento de ideias e de novas formas de fazeres pedagógicos que estão em constante movimento junto com a comunidade e a escola.

Pensar nesse movimento de coletivizar a educação e de inovar com o intuito de, em vez de atingir metas, melhorar práticas pedagógicas, envolve incentivar e auxiliar os professores em sua prática docente, criando um ambiente de trabalho e de aprendizagem acolhedor e potencializador em vez de opressor. Cuidar da saúde e da qualidade do trabalho dos professores, assim como de toda a comunidade escolar, é, também, pensar em um processo educacional que foque no sujeito não como instrumento de produção, mas como um indivíduo dotado de potencialidade, de afetos, de vivências e integrante de um coletivo.

Ainda há um caminho longo a ser percorrido até que o potencial possibilitador da escola substitua o potencial adoecedor e docilizador, mas, a partir dessa oficina em uma escola do campo associada ao MST no interior do Ceará, observou-se que a forma de enfrentar tais dificuldades e transformar a educação está dentro das próprias comunidades e da ação e luta coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As instituições escolares caracterizam-se como contextos importantes no processo de subjetivação dos indivíduos e, por localizar-se dentro do contexto neoliberal, é marcada pela competitividade, individualização e exploração da comunidade escolar. Devido a isso, entre os docentes, observa-se uma atuação acrítica, marcada pela sobrecarga de funções, baixa remuneração, inovações visando apenas metas e a falta de formação e de apoio institucional.

Dessa forma, a partir de uma oficina realizada com professores em uma escola do campo vinculada ao Movimento Sem Terra (MST) em Canindé, município do interior do Ceará, observa-se o aumento do adoecimento entre professores, que sofrem de desânimos, estresse, ansiedade e afetações em sua saúde física e mental, assim como a fragilização das fronteiras entre casa-escola, visto que sacrificam momentos de lazer e de sua vida pessoal para conseguirem terminar suas responsabilidades e lidarem com a carga emocional advinda do trabalho.

Apesar disso, observou-se a potencialidade de uma educação em conjunto com a sociedade e com as lutas desta, tanto para a formação cidadã dos alunos quanto para a atuação docente, no enfrentamento à exploração e ao adoecimento. Assim, por meio de

um processo de aprendizagem coletivo, há o incentivo do fortalecimento de vínculos e do protagonismo nas lutas, caracterizando-se como uma forma de cuidado à saúde mental e como uma forma de luta por melhores condições de trabalho.

Dessa forma, percebe-se a potencialidade no fazer educação as escolas do campo vinculadas ao MST, apesar de também estarem inseridas ao contexto neoliberal e possuírem diversos desafios, ao realizarem esse processo de aprendizagem e de cuidado como uma ação coletiva. Também, ressalta-se a necessidade de maiores pesquisas e ações referentes à saúde mental docente, a importância de um olhar mais cuidadoso sobre esses trabalhadores, sobretudo sobre sua saúde mental, frente ao aumento do adoecimento destes.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ulisses F.; KLEIN, Ana Maria. Escola e comunidade, juntas, para uma cidadania integral. **Cadernos Cenpec| Nova série**, v. 1, n. 2, 2006.

CALDART, Roseli Salette. A escola do campo em movimento. **Currículo sem fronteiras**, v. 3, n. 1, p. 60-81, 2003.

COSTA, Diogo Faria Corrêa da; PAULON, Simone Mainieri. Participação Social e protagonismo em saúde mental: a insurgência de um coletivo. **Saúde em debate**, v. 36, p. 572-582, 2012.

DE CAMPOS, Marlon Freitas; VIEGAS, Moacir Fernando. Saúde mental no trabalho docente: um estudo sobre autonomia, intensificação e sobrecarga. 2021.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. Boitempo editorial, 2019.

MOREIRA, Catarina. Simbiose. **Revista de Ciência Elementar**, v. 2, n. 1, 2014.

PERETTA, Anabela Almeida Costa e Santos et al. O caminho se faz ao caminhar: atuações em Psicologia Escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 18, n. 2, p. 293-301, 2014.



PRATA, Maria Regina dos Santos. A produção da subjetividade e as relações de poder na escola: uma reflexão sobre a sociedade disciplinar na configuração social da atualidade. **Revista Brasileira de Educação**, p. 108-115, 2005.